

Falando do Corpo, Calando a Cultura: Discursos sobre o Corpo Humano em Livros Didáticos de Biologia do Ensino Médio¹

Speaking of the Body, Silencing the Culture: Discussions on The Human Body in Textbook of Medium Education Biology in Brazil

JACKSON RONIE SÁ-SILVA

Pós-Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
Professor Adjunto do Departamento de Química e Biologia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).
prof.jacksonronie.uema@gmail.com

JUCENILDE THALISSA DE OLIVEIRA

Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).
Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico do Maranhão (FAPEMA).
jucenilde.oliveira@hotmail.com

FERNANDO VINÍCIUS PEREIRA DE ALMEIDA

Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).
fevinalmeida@gmail.com

MARCOS FELIPE SILVA DUARTE

Licenciando em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
duartiifelipe@hotmail.com

RESUMO

O corpo humano possui um conjunto de significados que vão além da materialidade biológica. Ele é uma construção social. Os Estudos Culturais em Educação compreendem que a escola possui um papel determinante na construção das identidades dos indivíduos e encontra-se permeada de pedagogias culturais. Os livros didáticos são artefatos culturais que comunicam sobre como ser e estar na sociedade, podendo reforçar estereótipos e exclusões. Objetivou-se analisar os discursos sobre o corpo humano presentes em livros didáticos de Biologia do Ensino Médio utilizados em escolas da rede pública de ensino de São Luís, Maranhão. O estudo revelou que os conteúdos biológicos sobre o corpo humano são preponderantes em relação às informações de perspectiva sociocultural. Biologia, Anatomia e Fisiologia corporal são abordadas com prioridade e demonstram o reforço à representação cartesiana do corpo considerado máquina, saudável e apto à reprodução. Sugere-se repensar tais discursos e que se inclua discussões sociais e culturais sobre o corpo humano nos livros didáticos de Biologia.

Palavras-chave: Corpo Humano. Livros Didáticos. Estudos Culturais. Ensino de Biologia.

¹ Artigo submetido para avaliação em 07/10/2018 e aprovado em 14/05/2019.

ABSTRACT

The human body has a set of meanings that go beyond biological materiality. It is a social construction. The Cultural Studies in Education understand that the school has a determinant role in the construction of the identities of the individuals and is permeated of cultural pedagogies. Textbooks are cultural artifacts that communicate about being and being in society, and can reinforce stereotypes and exclusions. The objective was to analyze the discourses about the human body present in high school biology textbooks used in schools of the public school of São Luís, Maranhão. The study revealed that biological contents on the human body are preponderant in relation to information from a sociocultural perspective. Biology, Anatomy and Body Physiology are addressed with priority and demonstrate the reinforcement to the Cartesian representation of the body considered machine, healthy and fit for reproduction. It is suggested to rethink such discourses and to include social and cultural discussions about the human body in the textbooks of Biology.

Keywords: Human Body. Didactic Books. Cultural Studies. Teaching of Biology.

1 PARA INÍCIO DE CONVERSA...

O ser humano está inserido em contextos socioculturais que possuem hábitos e costumes variados. A cultura produz e determina comportamentos, crenças, formas de ser e estar, tentando uniformizar os indivíduos através de aprendizados de papéis pré-determinados a partir de discursos de classe, etnia, gênero e sexualidade, por exemplo. O corpo sofre diretamente essas influências e acaba por incorporar marcadores socioculturais produzidos por instituições sociais tais como família, escola, religião, diversos saberes científicos, dentre outros, que juntamente com artefatos culturais, permeados por relações de poder, educam as pessoas para se adequarem à estrutura social, que dita não somente as condutas dentro da sociedade, mas também padroniza, normaliza e estigmatiza corpos, valores, atitudes e crenças.

Dessa forma, os livros didáticos são aqui concebidos como artefatos culturais que carregam representações, significações e discursos do meio social que os produziu, sendo “portadores de intencionalidade pedagógica” (SEFFNER; FIGLIUZZI, 2011, p. 46). Ou seja, são instrumentos da cultura que atuam tanto na educação, quanto na padronização e no alinhamento dos indivíduos em uma sociedade. As produções culturais são compreendidas por tudo aquilo que carrega e/ou reflete significações de uma cultura e, de alguma forma, exerce influência na harmonização de seus membros, de acordo com o contexto sociocultural em que estão inseridos. Assim, a cultura perpassa questões sociais de gênero, sexualidade, corpo, dentre outras temáticas veiculadas por diversos meios de comunicação como jornais, filmes, novelas, redes

sociais, os quais também produzem processos educativos que despertam a compreensão no modo como “[...] se configuram pedagogias culturais dentro e fora da escola” (SEFFNER; FIGLIUZZI, 2011, p. 46).

Ora, os corpos são educados continuamente, por processos graduais e minuciosos, que atribuem significados às suas formas de ser, parecer e se comportar nos ambientes sociais. Nesse sentido, “educa-se o corpo na escola e fora dela, na religião, na mídia, na medicina, nas normas jurídicas, enfim em todos os espaços de socialização com os quais nos deparamos, cotidianamente [...]” (GOELLNER, 2010, p. 74), com orientações de vestuário, postura, aparência, hábitos de saúde, discursos, todos sem que o indivíduo se dê conta, pois se tratam de atitudes naturalizadas que fazem parte do cotidiano, são produtos da cultura que o cerca. Mas, o que acontece quando não se age segundo essas condutas ou não se faz parte desses padrões? Nessas situações, em geral, são revelados os preconceitos e exclusões na sociedade, através da diferenciação de indivíduos considerados “adequados” e “não adequados”, nas diversas instâncias sociais (GOELLNER, 2010).

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006, p. 23), quanto às áreas de Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias nos conhecimentos de Biologia, descrevem que “compete ao ensino de Biologia, prioritariamente, o desenvolvimento de assuntos ligados à saúde, ao corpo humano, à adolescência e a sexualidade”. Existe, portanto, uma deliberação acerca da inclusão de temáticas relacionadas ao corpo e às suas relações com os fenômenos sociais, à saúde na fase da adolescência e ao descobrimento da sexualidade. Entretanto, essas questões não devem ser trabalhadas em sala de forma meramente superficial ou apenas pelo viés da biologia do corpo e da prevenção de doenças, sendo necessária sua contextualização ao momento histórico, social e cultural em que se encontra a sociedade.

Nesse sentido, este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que analisou os discursos sobre o corpo humano presentes em livros didáticos de Biologia do ensino médio, utilizados em escolas da rede pública estadual de São Luís, Maranhão.

Tais discursos foram analisados a partir da perspectiva dos Estudos Culturais em Educação, que parte do pressuposto de que a escola não deve ser vista apenas como uma instituição que apresenta e encaminha os educandos aos saberes científicos, mas também como ambiente em que circulam enunciados de ordem social,

cultural e política capazes de influir na construção das identidades e, mais que isso, formar indivíduos capazes de conviverem respeitosamente com a diversidade identitária do grupos sociais.

2 APRESENTANDO A METODOLOGIA

De acordo com Gil (2002) esta pesquisa caracteriza-se por ser de natureza descritiva e exploratória, quanto aos objetivos. Em relação aos procedimentos, classifica-se como documental e de campo, com abordagem qualitativa, realizada através da análise de conteúdo dos livros didáticos selecionados por meio de visitas às bibliotecas de três instituições estaduais de ensino médio, localizadas na cidade de São Luís, estado do Maranhão.

Realizamos visitas, no centro da cidade, em duas escolas antigas e tradicionais: o Liceu Maranhense e a Escola Modelo Benedito Leite e, além delas, na Fundação Nice Lobão – Cintra, localizada no bairro do Anil. Durante as idas ao campo três conjuntos de livros didáticos utilizados pelos/as docentes foram selecionados: a coleção *Biologia*, composta por três volumes – um para cada série do ensino médio – de autoria de César Silva Júnior, Sezar Sesson e Nelson Caldini, publicada pela Editora Saraiva em 2013, estando em sua décima primeira edição; o volume único, *Biologia Integrada*, acompanhado de um caderno de atividades, com publicação pela Editora FTD, em 2003 e 2005, respectivamente, de Luiz Eduardo Sheida, e; o conjunto de três livros intitulados *Biologia Hoje*, de Sérgio Linhares e Fernando Gewandszajder, da Editora Ática, já em sua segunda edição, publica em 2013 (Figura 1). Posteriormente os livros passaram pelo processo de leitura flutuante, leitura em profundidade e construção das categorias de análise a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa documental e de análise de conteúdo qualitativa (CELLARD, 2008; SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Figura 1 – Coleções dos livros didáticos selecionadas para a pesquisa



Fonte: Autoria própria, 2019.

Após a leitura sistemática dos livros didáticos de Biologia, realizamos o processo de refinamento das categorias de análise a partir das orientações metodológicas de Minayo (2014) com os seguintes passos: a) leitura exaustiva do material; b) identificação de semelhanças e diferenças relacionadas ao objeto analisado nas obras catalogadas; c) separação e nomeação das categorias. Com a categorização, o objeto de pesquisa foi analisado e problematizado com base nos pressupostos teórico-metodológicos dos Estudos Culturais em Educação (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003; GOELLNER, 2008).

3 DISCUTINDO OS RESULTADOS

A partir da análise dos livros didáticos das três coleções, foram construídas duas categorias de análise: “corpo biológico”, que compreende informações sobre o

corpo humano através da anatomia e da fisiologia e “corpo cultural”, que apresenta o corpo humano com base em suas construções históricas, sociais e culturais. Cada categoria foi desmembrada em subcategorias (Quadro 1) de acordo com as temáticas que envolviam a apresentação das informações sobre o corpo humano.

Quadro 1 – Categorias e subcategorias construídas a partir da análise dos livros analisados

CORPO BIOLÓGICO	CORPO CULTURAL
Corpo Estrutural/Funcional	Corpo Gênero
Corpo Saúde/Doença	Corpo Etnia
Corpo Reprodutivo	Corpo Social
	Corpo Sexualidade

Fonte: Autoria própria, 2019.

O corpo humano pode ser entendido de diversas formas, tanto como uma estrutura anatômica e fisiológica quanto como uma estrutura que possui significados e representações de um determinado contexto, seja ele histórico, social ou cultural. Dessa forma, não é possível tratar o corpo apenas como uma mera materialidade, como algo puramente biológico, pois ele possui identidade, como afirma Silvana Vilodre Goellner:

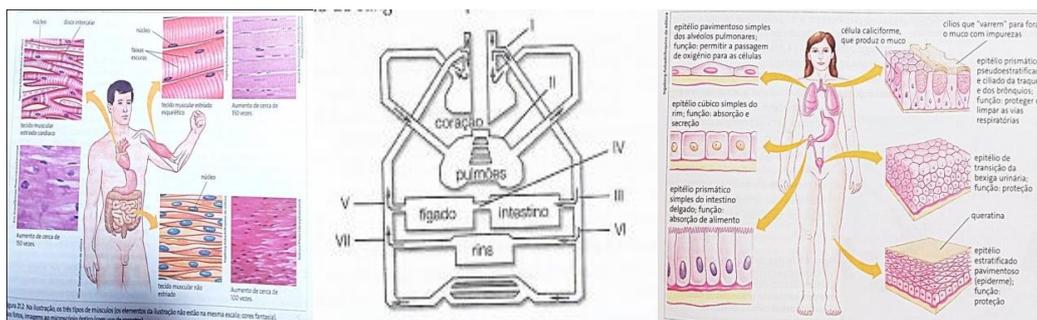
Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as invenções que nele operam, [...] Não são portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (GOELLNER, 2008, p. 28).

O corpo, compreendido como essencialmente biológico, é aquele no qual são valorizadas as estruturas anatômicas, sua morfofisiologia, os sistemas e órgãos que o compõem, em um entendimento fragmentado e cartesiano, pois não se consegue vê-lo em sua integralidade, a partir de uma identidade que corresponde a uma época histórica e cultural.

Nos livros didáticos analisados a concepção biologizada é predominante. Portanto, há maior representatividade da categoria “corpo biológico”, indicando uma preeminência do estudo do corpo humano para a sua materialidade biológica, concentrada para a compreensão da essencialidade biológica, interna, cartesiana e mecânica (figuras 2, 3 e 4). Dessa forma, com a centralidade do estudo do corpo

humano para sua fisiologia, deixam-se de lado questões que perpassam sua construção, seu entendimento e os fenômenos socioculturais que o envolvem através da história, sem que possamos perceber as modificações que abrangem questões religiosas, sociais, econômicas e políticas, dentre outras.

Figuras 2, 3 e 4 – Imagens que destacam as ideias de Corpo Estrutural/Funcional



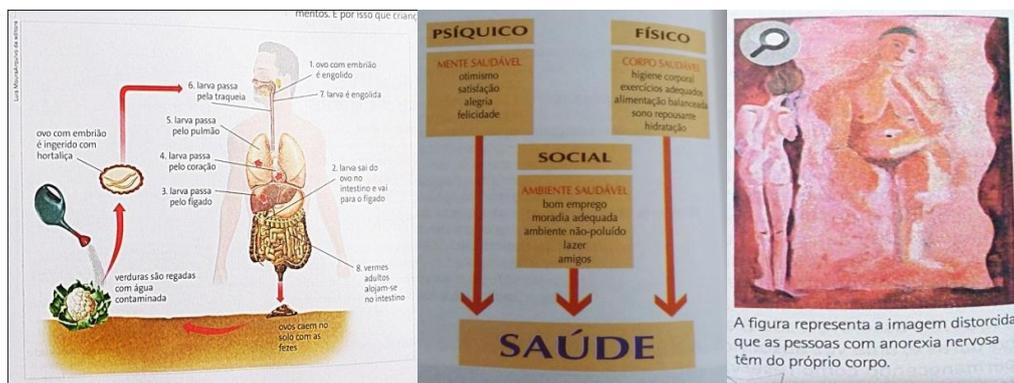
Fonte: Linhares e Gewandsznajder (2013a, p. 267); Cheida (2003, p. 109); Linhares e Gewandsznajder (2013a, p. 235) respectivamente.

O corpo humano além de sua constituição biológica, apresenta a materialidade fisiológica que lhe permite executar atividades, como alimentar-se e reproduzir-se. Essas relações biológicas não estão isoladas dos meios social e cultural em que está inserido e influenciam em seu modo de vida, estando ligadas diretamente às tradições e aos costumes. Dito de outra forma, a concepção de um corpo saudável pode ter diferentes versões, de acordo com o contexto histórico e social, a exemplo da concepção de um corpo magro ser um corpo mais saudável e midiaticamente mais belo, como se compreende hoje em dia. Entretanto, não foi sempre assim, pois séculos atrás um corpo magro dizia exatamente o contrário, e os corpos com mais curvas, além de saudáveis revelavam uma boa condição financeira da família (VIGARELLO, 2012).

Com o tempo muitas de nossas verdades são desfeitas, e já se considera que essa relação aparência do corpo e saúde nem sempre é legítima, pois ter ou não um corpo magro não necessariamente reflete-se em uma patologia, já que existem muitos outros fatores a serem considerados para que um corpo saudável (figuras 5, 6 e 7). A anorexia tratada na figura 7, incluída na subcategoria de corpo saúde/doença, traz esse fenômeno atual como meramente patológico, quando sabemos que a mesma possui uma íntima ligação com os padrões de beleza impostos pela mídia, havendo portanto, a necessidade dessa discussão estar ligada a um contexto cultural específico (ALVES, D.; PINTO; ALVES, S.; MOTA; LEIRÓS, 2009). A saúde deve ser entendida como algo

não somente individual e ligado exclusivamente a uma doença, mas como algo coletivo na promoção e acesso aos serviços de saúde, prevista em políticas públicas.

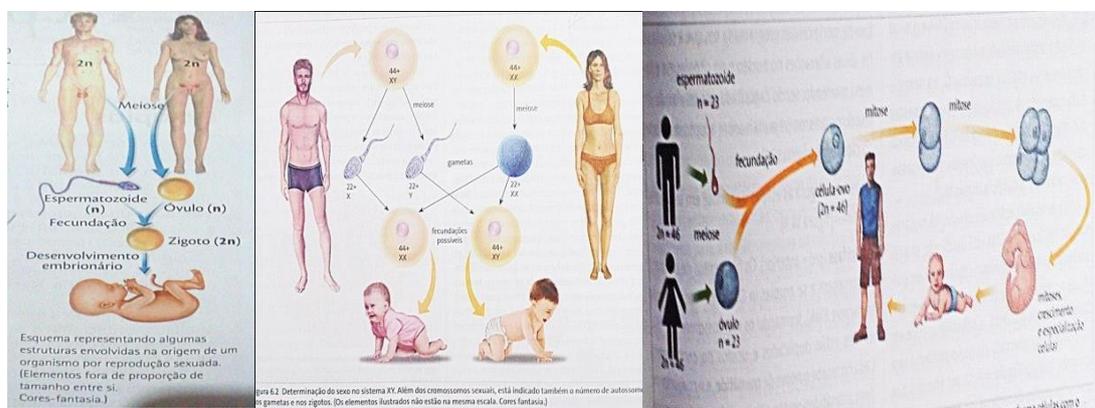
Figuras 5, 6 e 7 – Imagens que destacam as ideias de Corpo Saúde/Doença



Fonte: Linhares e Gewandsznajder (2013b, p. 140); Cheida (2005, p. 272); Silva, Sesson e Caldini (2013b, p. 154), respectivamente.

Quando falamos da reprodução humana deixamos, em geral, nas entrelinhas, um relacionamento exclusivamente dicotômico e heterossexual interpretado como “natural”. Nas figuras 8, 9 e 10, extraídas dos livros didáticos analisados, aparece de forma clara o determinismo sexual, baseado em seu dimorfismo, numa relação padronizada entre mulher e homem, que visa tão somente a perpetuação da espécie humana, e acaba por propagar também estereótipos de gênero, na diferenciação dos sexos por cor, por exemplo, delegando papéis determinantes e distintos para os dois sexos (BUTLER, 2000).

Figuras 8, 9 e 10 – Imagens que destacam as ideias de Corpo Reprodutivo



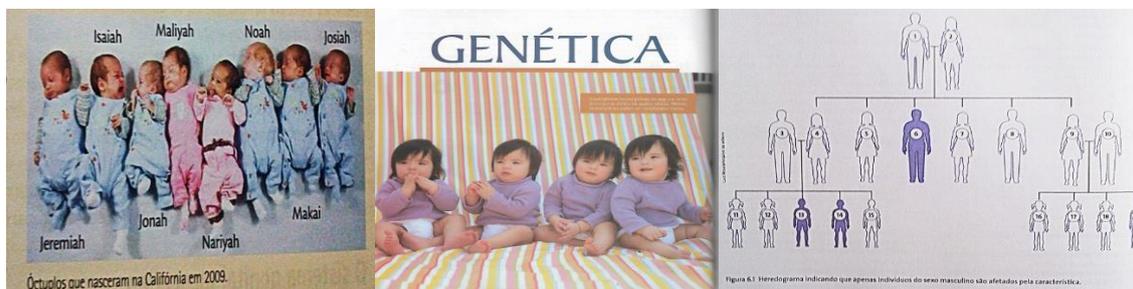
Fonte: Silva, Sesson e Caldini (2013b, p. 232); Linhares e Gewandsznajder (2013c, p. 83); Linhares e Gewandsznajder (2013a, p. 159), respectivamente.

A reprodução humana envolve diversos fatores que, para além da sua biologia, estão ligados à sua cultura, a seus valores particulares e aos socialmente atribuídos, evidenciados neste trecho do primeiro livro da coleção elaborada por Linhares e Gewandsznajder (2013a, p.180):

Nos seres humanos, as relações sexuais e a reprodução envolvem também emoções, sentimentos e comportamentos que são influenciados pela cultura. E cada pessoa tem sua personalidade, sua maneira de pensar e de agir, seus valores éticos e espirituais, seus projetos de vida.

A determinação sexual do gênero tem se perpetuado desde os tempos mais antigos, distinguindo sexos por cor ou forma, funcionando como propagações de estereótipos e até hoje se encontra presente em livros didáticos de Biologia do Ensino Médio (figuras 11, 12 e 13). Atualmente não são mais tão cabíveis manutenções de estereótipos de gêneros, pois estamos em um momento no qual essas questões encontram-se em constante debate e já são reconhecidas social e politicamente. Dessa forma, quando se fizerem presentes no ambiente escolar, devem ser discutidas e problematizadas a fim de promover um ambiente de tolerância e respeito.

Figura 11, 12 e 13 – Imagens que destacam as ideias de Corpo Gênero



Fonte: Silva, Sesson e Caldini (2013b, p. 232); Silva, Sesson e Caldini (2013c, p. 62); Linhares e Gewandsznajder (2013c, p. 82), respectivamente.

Muitas das impressões naturalistas do corpo humano também são expressas ao longo dos textos apresentados nos livros didáticos, por exemplo, ao referenciá-lo em sua estrutura anatômica, que pode ser dividida e sistematizada, sem muitas vezes integrá-lo em uma visão holística, porém unitária e sequenciada:

O conjunto de sistemas forma um organismo. O corpo humano, [...], é formado, entre outros, pelos sistemas nervoso, digestório, respiratório, cardiovascular (ou circulatório), urinário, genital, muscular e esquelético (LINHARES; GEWANDSZNAJDER, 2013a, p. 16).

Ora, uma visão limitada da biologia do corpo humano impede que outros aspectos sejam contemplados, tais como fatores extrínsecos que não podem ser generalizados e a existência das particularidades que não são dadas geneticamente, mas constituídas a partir de costumes culturais de um dado grupo social. É evidente a importância da pertinência da discussão de temáticas relacionadas à saúde e à qualidade de vida ligadas às questões sociais e políticas, que necessitam de uma análise mais profunda, as quais criticam processos direcionados às diferenças de classe, de raça e de gênero, tão presentes em nosso país.

O corpo humano cultural trata da sua compreensão relacionada aos processos históricos, através das construções sociais, dos diferentes costumes que variam de acordo com a cultura de diversos povos e sob muitas tradições e transições através dos tempos. Isso indica que a ideia de corpo não é nem estável, estática ou permanente, mas fluida dentro de arranjos sociais, históricos, culturais e políticos.

As temáticas associadas à sexualidade e a sua discussão já se tornaram realidade inquestionável, mas apesar de sua maior visibilidade ainda há muitas dificuldades geradas por atitudes de intolerância, que se escamoteiam afirmando tentar “proteger” os “jovens e/ou inocentes” daquilo que já faz parte da sua vida cotidiana, muitas vezes interpretadas como temáticas precoces por se entender o estudo da sexualidade puramente ligado ao sexo, quando na verdade, ele vai muito além disso, já que se trata de reconhecer os indivíduos como seres sociais que não só possuem identidades, mas também merecem respeito e tolerância. Nos livros didáticos analisados nesta pesquisa, encontramos pouquíssimas ideias do corpo humano atrelado às questões de sexualidade, o que nos parece indicar que ainda há dificuldades e omissões em abordar essa temática. Uma exceção a essa postura pode ser vista na figura 19:

Na coleção de Linhares e Gewandsznajder (2013) já conseguimos perceber, em partes do texto, a inclusão dessas temáticas de combate ao racismo e do reconhecimento da diversidade:

Com auxílio do professor de Filosofia e Sociologia, discutam as origens históricas e os fatores sociais ligados ao racismo, criticando-o e propondo medidas para combater essa atitude. Critiquem também a ideia de que existem raças na espécie humana (LINHARES; GEWANDSZNAJDER, 2013c, p. 154).

Não restam dúvidas de que a educação desempenha um papel importante nas discussões raciais e constituem um meio para combater as intolerâncias étnicas: “Uma educação que aproxime as pessoas, que valorize a diversidade, que elimine preconceitos, funciona como antídoto contra o racismo – e todos ganham com isso.” (LINHARES; GEWANDSZNAJDER, 2013a, p. 150-151).

O ser humano, constituído como um sujeito inserido na sociedade, encontra-se vulnerável aos problemas de natureza social, associados à indisponibilidade de emprego, disputas de classe, conjunturas familiares nem sempre estáveis e às violências geradas pelas mais variadas desigualdades (figuras 16, 17 e 18).

Figuras 16, 17 e 18 – Ilustrações que destacam as ideias de Corpo Social



Fonte: Silva, Sesson e Caldini (2013c, p. 79); Silva, Sesson e Caldini (2013c, p. 300); Linhares e Gewandsznajder, (2013a, p. 18), respectivamente.

A coleção de Silva, Sesson e Caldini, (2013c), também trata, em parte do seu texto, da violência como uma mazela social decorrente de vários fatores:

O impacto social, econômico e político da violência, bem como seus determinantes e sua prevalência, ainda não foram totalmente esclarecidos. Contudo, algumas das causas mais evidentes são similares em vários lugares do planeta: pobreza, marginalização social, tráfico de drogas e armamentos, instabilidades e conflitos étnicos, preconceito, desrespeito aos direitos humanos, falta de oportunidades (como trabalho, moradia e de lazer) e miséria (SILVA;SESSON;CALDINI, 2013c, p. 310).

A partir das categorizações construídas para analisarmos os livros didáticos de Biologia do Ensino Médio, obtidos nesta pesquisa, percebemos o quanto o estudo do corpo humano é priorizado a partir de um viés biológico, atribuindo menor espaço ao corpo cultural, deixando de lado a percepção dele como integrante de uma cultura que carrega marcas de momentos históricos, sociais e políticos específicos. Entretanto, mesmo que de forma sutil ela tem sido inserida em algumas coleções.

A compreensão de que o corpo pode ser apresentado de várias formas, através, inclusive, do reconhecimento de suas subjetividades, são pertinentes para a construção de cidadãos que aprenderão a conviver com as diferenças e a respeitar a diversidade. Nesse sentido, é preciso desnaturalizar e historicizar nossa educação para que possamos construir um arranjo educacional multicultural, que analise e critique os processos discriminatórios e caminhe para uma educação cada vez mais inclusiva (MOREIRA; SILVA, 2009). Nesse sentido a educação nas escolas deve ser:

[...] um espaço onde as novas gerações se capacitem para adquirir a analisar criticamente o legado cultural da sociedade. As salas de aula não podem continuar sendo um lugar para memorização de informações descontextualizadas. É preciso que o alunado possa compreender bem quais são as diferentes concepções do mundo que se ocultam sob cada uma delas e os princípios e os problemas da sociedade que a pertencem. Uma pedagogia antimarginalização precisa levar como considerações as dimensões éticas dos conhecimentos e das relações sociais. É preciso que as instituições escolares sejam lugares onde se aprenda, mediante a prática cotidiana, a analisar como e porque as discriminações surgem, que significado devem ter as diferenças coletivas e, é claro, individuais (SANTOMÉ, 1995, p. 176-177).

Os estudos do corpo humano nos livros didáticos aqui analisados, fazem um paralelo constante a uma mecanicidade do mesmo, deixando ausentes outros aspectos que constituem esse corpo, seus conflitos, suas inquietações e sentimentos, logo colocando em segundo plano assuntos de caráter social que fazem parte da realidade de

qualquer indivíduo (corpo) social, e, portanto, de sua cultura. Nesse sentido, é importante ressaltar a afirmação de Costa, Silveira e Sommer (2003, p.38) de que “a cultura precisa ser estudada e compreendida tendo-se em conta a enorme expansão de tudo que está associado a ela, e o papel constitutivo que assumiu em todos os aspectos da vida social”.

Quando se trata dos aspectos sociais, os livros analisados deixam a desejar pois não têm aprofundamento da discussão desses temas. Na maioria das vezes eles apenas são citados, sem desenvolvimento de uma discussão com embasamento sociocultural. Dessa forma, acabam por se perder oportunidades para a problematização de muitos assuntos ligados à questão biológica, mas que estão intimamente relacionados às mudanças ocorridas nos âmbitos social e político dos últimos tempos, como: a reabertura política, o rompimento da censura, a ampliação das discussões sobre sexualidade, os movimentos sociais e a interseccionalidade das noções de classe, gênero, raça e sexualidade, as mudanças relativas ao posicionamento do jovem na sociedade em relação ao seu comportamento sexual, a utilização de contraceptivos, os avanços no combate às diversas doenças inclusive aquelas sexualmente transmissíveis, dentre tantos outros. Tais temáticas podem e devem ir além de quadros e textos informativos, pois são oportunidades para auxiliar na formação crítica dos estudantes, indo além de uma perspectiva cartesiana e positivista.

É preciso que tomemos consciência de que na sala de aula podem ser discutidos assuntos de caráter social, mesmo em disciplinas consideradas de outras áreas, pois dessa forma os alunos serão amplamente estimulados a uma participação cidadã, já que vivemos em uma sociedade dita democrática e essa é uma das formas para assegurar a manutenção do regime democrático entre nós, visto que na história do Brasil tivemos momentos de ditaduras que cercearam nossa liberdade de expressão e o exercício da democracia (SEFFNER, 2008).

Também é necessário que consideremos que, no período da adolescência, fase em que se encontra a maioria dos alunos do ensino médio, a mídia exerce influência fundamental sobre seus comportamentos, personalidades e atitudes devido à necessidade de se sentirem incluídos, em serem aceitos em algum grupo social, até para evitarem os processos sociais de injúrias e discriminações. Dentro dessa perspectiva, a escola se torna um ambiente propício para o desenvolvimento crítico dessas questões.

Tratar do corpo, nas aulas de Biologia, para além de sua fisiologia e anatomia, é considerá-lo nas suas múltiplas formas de se manifestar, envolvendo questões sociais que diretamente relacionadas ao corpo, tais como: os distúrbios alimentícios, os padrões de beleza, as temáticas de saúde, respeito à diversidade, discriminação, etc. Afinal o corpo se não se constitui apenas de uma estrutura biológica (LOURO, 2000).

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA FINALIZAR

Ao compreendermos a existência do corpo cultural, não estamos fazendo nada mais que concebendo-o de forma ampla, pois um corpo não é somente biológico, assim como também não é apenas cultural. Precisamos vê-lo de forma integrada, holística, na medida em que muitos processos que nos parecem naturais sofrem influência direta da cultura na qual estamos inseridos.

Infelizmente, nos livros analisados percebemos a prioridade do estudo do corpo voltado para sua anatomia e fisiologia, portanto para prevalência do aspecto puramente biológico. Nas raras vezes em que se apresentava o corpo em seu aspecto cultural havia mais imagens e ilustrações e, quando também encontramos texto, esses pareciam ser mais superficiais e sem uma discussão integrada à compreensão de sua temática mais ampla.

Entretanto, apesar dessa falta de percepção dos livros didáticos, é preciso reconhecer que esse corpo biológico, também se constitui culturalmente e possui especificidades e subjetividades que são únicas e particulares, atuando em conjunto com os aspectos socioculturais.

Assim, incluir a cultura no conteúdo estudado nada mais é do que permitir que vivências e questões que permeiam a nossa sociedade sejam debatidas e problematizadas dentro do ambiente escolar, pois fazem parte de nossa constituição e precisam ser reconhecidas como fruto de tudo aquilo que nos educa e se encontra à nossa volta, constantemente. Ou seja, é essencial compreendermos que filmes, revistas, jornais e livros didáticos também nos educam, pois são construções sociais, carregam significações culturais e são passadas adiante por gerações, mantendo e/ou modificando costumes, ideias e representações que podem ser interpretadas tanto de maneira positiva

quanto negativa. No segundo caso, podem estabelecer estereótipos de classe, de gênero, de etnia, dentre outras e precisam ser discutidos para evitar e/ou interromper a continuidade de ações discriminatórias e preconceituosas em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias**. Brasília/DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-167. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1230/Guacira-Lopes-Louro-O-Corpo-Educado-pdf-rev.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 18 jan. 2015.
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, ÁLVARO. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CHEIDA, Luiz Eduardo. **Biologia Integrada: Volume Único**. São Paulo: FTD, 2003.
- CHEIDA, Luiz Eduardo. **Biologia Integrada: Caderno de atividades**. São Paulo: FTD, 2005.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 23, p. 36-61, maio/ago. 2003.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 71-83 mar. 2010.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LINHARES, Sérgio; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Biologia hoje 1**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2013a.

Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS), São Luís, v. 5, n. 1, p. 81- 97, jan./jun. 2019
ISSN eletrônico: 2447-6498

LINHARES, Sérgio; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Biologia hoje 2**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2013b.

LINHARES, Sérgio; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Biologia hoje 3**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2013c.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, escola e identidade. Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 25, n.2, p. 59-76, jul./dez. 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu. Currículo, Cultura e sociedade. *In*: OLIVEIRA, A. L. A. R. M. de. Os estudos culturais e a questão da diferença. **Revista educação em questão**. Natal, v. 34, n. 20, p. 33-62, jan./abr. 2009.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Santa Vitória do Palmar/RS, v. 1, n.1, jul. 2009.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. *In*: SILVA, Tomas. Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SEFFNER, Fernando. Gênero, sexualidade, violência e poder: homens, sexo, violência e poder: dá para mudar esta equação? *In*: BRASIL, Ministério da Educação. **Salto para o futuro: educação para igualdade de gênero**, Ano XVIII, Boletim 26, nov. 2008.

SEFFNER, Fernando; FIGLIUZZI, Adriza. Na escola e nas revistas: Reconhecendo pedagogias do gênero, da sexualidade e do corpo. **R. FACED**, Salvador, n. 19, p. 45-59. jan./jun. 2011.

SILVA, Junior, César; SESSON, Sezar; CALDINI, Júnior, Nelson **Biologia 1**. 11. ed. São Paulo: Saraiva, 2013a.

SILVA, Junior, César; SESSON, Sezar; CALDINI, Júnior, Nelson **Biologia 2**. 11. ed. São Paulo: Saraiva, 2013b.

SILVA, Junior, César; SESSON, Sezar; CALDINI, Júnior, Nelson **Biologia 3**. 11. ed. São Paulo: Saraiva, 2013c.

VIGARELLO, G. **As metamorfoses do gordo: história da obesidade no Ocidente – da Idade Média ao século XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.